
O ÓDIO E SUAS REVERBERAÇÕES: UM QUESTIONAMENTO PARA OS ESTUDOS LITERÁRIOS

HATE AND ITS REVERBERATIONS: A QUESTION FOR LITERARY STUDIES

Dionei Mathias¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir o fenômeno do ódio e suas reverberações, buscando traçar alguns parâmetros teóricos para sua discussão nos estudos literários. O artigo está dividido em duas partes: a primeira discute algumas dimensões teóricas que podem nortear questionamentos interessados na representação ficcional do ódio, tentando identificar motivações e materializações no espaço sociocultural; a segunda busca ilustrar seus potenciais com base na discussão do romance *Ohnehin* de Doron Rabinovici. Ambientado na Áustria, o romance encena o encontro de diferentes agrupamentos sociais e dos conflitos que emergem desse encontro, problematizando as formas de materialização do ódio. O artigo conclui com algumas propostas de análise dentro do escopo das literaturas nacionais e da metodologia comparatista.

Palavras-chave: Ódio; estudos literários; Doron Rabinovici; *Ohnehin*.

Abstract: This article aims to discuss the phenomenon of hate and its reverberations, trying to outline some theoretical parameters for its discussion in literary studies. The article is divided into two parts: the first discusses some theoretical dimensions that can guide questions interested in the fictional representation of hate, trying to identify motivations and materialization in sociocultural spaces; the second part seeks to illustrate its potentials based on the discussion of Doron Rabinovici's novel *Ohnehin*. Set in Austria, the novel stages the meeting of different social groups and the conflicts that emerge from this meeting, questioning the forms of materialization of hatred. The article concludes with some proposals for analysis within the scope of national literatures and comparative methodology.

Keywords: Hatred; literary studies; Doron Rabinovici; *Ohnehin*.

¹ Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFSM. Doutor em Letras pela Universität Hamburg. E-mail: dioneimathias@gmail.com

INTRODUÇÃO

Talvez seja possível afirmar que no cerne de todas dinâmicas sociais há movimentos afetivos, movimentos estes que propiciam a coesão social ou que engendram sua dispersão. Nesse cenário, as diferentes malhas culturais responsáveis pela dinâmica de representação remetem a formas de canalizar energias afetivas, definindo como atores sociais concretizam suas ações ou interações, suas redes teleológicas ou comunitárias. Em diferentes graus de consciência, as narrativas culturais fazem ofertas de sentido, proporcionando com isso sugestões de itinerários de como canalizar a afetividade. Dessa canalização, surgem por exemplo as lógicas de inclusão e exclusão, de hierarquização, de proteção ou de ataque. Traduzida em malhas culturais, a afetividade move atores sociais ou agrupamentos a agir, resistir ou compactuar.

A literatura, como arte da palavra, reverbera essas dinâmicas afetivas no plano ficcional, ao engendrar formas de interação na realidade diegética, mas sobretudo também ao oferecer um direcionamento da percepção, incitando o leitor a adotar uma lente de acesso ao mundo ou também desautomatizando seu crivo de apropriação de realidade, de modo a aprender a enxergar de outras formas. No modo como personagens interagem, revelam-se movimentos da canalização afetiva e do pensamento de convívio sociocultural. Nesse mesmo movimento, as estratégias de sentido inscritas em textos literários criam tessituras, desbravando formas de imaginar como relações com o entorno da vida podem ser concretizadas. Uma pergunta que talvez caiba fazer é como a literatura e seus universos ficcionais contribuem para compreender as dinâmicas de canalização do afeto.

Raramente, a instauração de investimentos afetivos é algo retilíneo, óbvio, consciente. Em grande parte, afetividade subjaz aos processos racionais conscientes, sem que o indivíduo consiga apreender suas dimensões, imaginando agir unicamente com base na razão, uma herança das narrativas iluministas. Muitas vezes, afetividade se concretiza de forma dispersa, sem um objeto claro de investimento, mas sem, com isso, deixar de impactar nas modalidades de convívio social. Ódios, invejas, desprezos, por um lado, amor, solidariedade, confiança, por outro, representam, a modo de exemplo, formas de afetividade que podem oscilar entre dispersão e canalização, impactando na maneira como a interação com o outro acaba concretizada ou como ações são planejadas, em forma de concessão de chances ou discriminação.

O trajeto entre dispersão e canalização é longo e demanda uma organização narrativa sólida, em forma de relacionamentos duradouros, identificação com agrupamentos sociais ou fidelidade a uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008) no âmbito nacional. Isto é, à canalização afetiva precede uma fase de consolidação do afeto, por meio da construção de uma narrativa de mundo que legitime essa visão, seja a nível pessoal ou na esfera macro-social. Para que a afetividade saia do modo de dispersão para o modo de canalização, portanto, é necessário um ator social disposto a enfeixar esses afetos e incitar indivíduos ou grupos a investir sua afetividade em nome de uma narrativa. A máquina da propaganda nazista fez isso, pautando o enfeixamento na superioridade racial e na exclusão. O movimento pelos direitos civis realizou algo semelhante, tendo como foco a igualdade e a inclusão. Em ambos os exemplos, a afetividade foi objeto de canalização, tendo como narrativa uma visão

de mundo e, com isso, uma oferta de sentido, com a qual uma quantidade substancial de atores sociais se identifica ou não. A primeira investiu na cultura do ódio, a segunda depositou seus esforços na cultura da solidariedade.

Antes da canalização, afetividades muitas vezes se encontram dispersas, em menor ou maior grau de canalização. Isto é, há atmosferas afetivas que convidam ou não à canalização. Não parece ser provável que ódio (para a finalidade de exclusão) ou amor/solidariedade (para a finalidade de inclusão) sejam consolidados, sem uma série de elementos contextuais que confluem para a construção de uma narrativa sólida, apta a disciplinar as ações individuais, com seus projetos de futuro. Parece haver momentos em que o contexto está mais propício ou não para enfeixar energias afetivas, suscitando identificações que permitem imaginar outras narrativas de futuro. A coesão narrativa que decorre dessa canalização é complexa e pode ter elos causais múltiplos.

Textos literários reverberam essas dinâmicas e engendram atmosferas afetivas, no marco da canalização ou da construção de atmosferas. Dessas construções emergem visões de futuro e do convívio social. Nesse cenário, parece ser pertinente que estudiosos da literatura voltem seu olhar para essas ofertas de sentido e façam suas reflexões sobre as dinâmicas afetivas com as quais a arte da palavra confronta seus leitores. Tendo esse objetivo como horizonte, este artigo procura refletir sobre as reverberações do ódio, discutindo a forma como elas se dispersam ou canalizam na realidade diegética. Para ilustrar a argumentação, o artigo tem como objeto de estudo o romance *Ohnehin* de Doron Rabinovici. Autor de origem israelita e residente na Áustria, ele transita entre as culturas e tem um olhar atento para o modo como dinâmicas afetivas emergem em espaços sociais, interessando-se, por exemplo, pelo ressurgimento do antissemitismo, mas também identificando paralelos com experiências do contexto de fluxos migratórios.

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE ÓDIO

Como disposição afetiva, o ódio implica um alto teor de envolvimento por parte do sujeito que o experimenta. Em muitos casos, isso significa que há uma atribuição considerável de importância para aquilo que está em jogo. Uma primeira pergunta, portanto, reside em identificar o que motiva o surgimento do ódio e o que ele revela sobre o indivíduo que o experimenta. Em grande parte, o que suscita o ódio é fruto de uma interpretação da realidade, tecida no bojo de uma visão de mundo. Isto é, a dinâmica afetiva emerge dos sentidos e seus impactos na construção identitária individual. Em sua tipologia do ódio, Ferran apresenta os pontos de partida:

No ódio, experimentamos sentimentos desagradáveis de sermos ameaçadas, atacadas ou menosprezadas pela outra; sentimos hostilidade em relação a ela. Além disso, o ódio envolve a experiência de uma ameaça à autoestima. Existem várias dimensões de autoestima que podem ser ameaçadas: elas podem incluir a integridade física e mental, imagem, normas ou valores de uma pessoa. Além disso, a outra pode representar uma ameaça para nós mesmas, para outras pessoas

relacionadas a nós ou para os grupos a que pertencemos. No ódio, a ameaça à autoestima não implica necessariamente sentimentos de impotência. O xenófobo que odeia os estrangeiros se sente ameaçado por eles, mas não se sente impotente (FERRAN, 2021, s. p.).

O que parece desencadear o ódio, antes de mais nada, é a identificação do perigo de questionamento da imagem individual. Isto é, no processo de inserção sociocultural, o indivíduo aprende a construir uma imagem de si, atribuindo valores e depreendendo sentidos de determinadas formas de organizar as narrativas do si. Quando confrontado com atores sociais que não confirmam essa narrativa ou que o confrontam com sentidos que não permitem a manutenção da imagem de si já consolidada, o sujeito se vê forçado a reagir. Essa reação pode ser múltipla e não precisa necessariamente desembocar na instauração do ódio. O que vai decidir o caminho a ser percorrido para dar seguimento na tessitura de identidade é o modo como cada indivíduo interpreta a realidade, ou melhor, como aprendeu a interpretar a realidade, no seio da família, da comunidade ou do espaço nacional a que se sente afiliado.

Uma motivação do ódio, por conseguinte, é a ameaça (real ou imaginada, fruto da interpretação) à própria imagem e àquilo a que o indivíduo acorda valor. Baumeister e Butz (2005) argumentam no mesmo sentido, incluindo as ameaças materiais. Nesse cenário, o indivíduo se encontra confrontado com um contexto de interação social e de administração narrativa que desestabiliza os sentidos que formam a base de seu ser no mundo. Nesse sentido, o ódio parece representar uma espécie de defesa, enfeixando a energia afetiva individual, a fim de garantir a estabilidade imagética, no plano individual ou sociocultural. Esse mecanismo de defesa pode ser adotado por grupos dominantes, quando veem suas premissas questionadas, mas pode igualmente se materializar em grupos minoritários, diante de movimentos de silenciamento ou exclusão.

A inserção individual em narrativas socioculturais parece fortalecer esse mecanismo de defesa. Ao se inserir numa comunidade que pensa, sente, age ou se comunica de forma semelhante (HANSEN, 2011), a probabilidade de ter a própria imagem questionada diminui, embora não desapareça. Daí provém a necessidade premente de pertencer, pois o pertencimento não acorda somente satisfação existencial, ele fornece igualmente um muro de proteção contra os perigos de desestabilização imagética. No sentido positivo como negativo, o grupo fornece uma narrativa que fundamenta a imagem do si, ao mesmo tempo, produz uma tessitura sobre o espaço da vida, proporcionando explicações sobre como a existência pode (ou deve) ser concretizada naquelas coordenadas. Daí provém a simpatia e a identificação com o próprio grupo e a desidentificação com agrupamentos alheios (HARRINGTON, 2004, p. 75).

Novamente, isso está relacionado a interpretações de mundo e a ofertas de sentido que circulam entre os atores sociais que compõem uma comunidade. Em seu estudo, Staub argumenta:

O ódio no nível do grupo é freqüentemente promovido por uma ideologia ou sistema de crenças sobre arranjos sociais desejáveis ou ideais que oferecem a pro-

messa de uma vida melhor para uma nação ou para toda a humanidade. Essas ideologias tendem a especificar a estrutura desejável da sociedade ou o relacionamento desejável entre os grupos. A ideologia pode elevar o grupo, defendendo arranjos sociais em que o grupo que detém a ideologia tem superioridade sobre os outros em geral ou sobre outros particulares (ideologias nacionalistas e racistas), ou defendendo que o grupo seja purificado pela eliminação de outros de seu meio que o contaminam (STAUB, 2005, p. 54).

Como no plano individual, o ódio gerado a nível de grupo está atrelado a questões identitárias. Agrupamentos se formam com base em narrativas compartilhadas cuja função reside em fornecer elementos que norteiem a existência. Dessas tessituras, indivíduos depreendem roteiros para comportamentos, valores, projetos de futuro, mas também lógicas de discriminação, inclusão e exclusão, em consonância com aquilo que o agrupamento entende ser o percurso almejavél. Os pertencimentos a grupos (a nível local, regional ou nacional), portanto, disponibilizam narrativas, com maior ou menor grau de fechamento para o diálogo, em que estão previstas formas de pensar a solidariedade, mas também de canalizar o ódio e transformá-lo em diferentes tipos de comportamentos agressivos. O caminho à violência explícita como resultado da canalização do ódio exige uma máquina de narrativas contundentes. Até lá, o ódio permeia o espaço social de forma dispersa, revelando-se em diferentes categorias de hostilização.

Nesse bojo, racismo, homofobia e misoginia, por exemplo, resultam de identidades de grupo e princípios de exclusão (MOSS, 2001, p. 1316), com um conjunto de narrativas que prevê formas aceitáveis de concretizar a identidade, num determinado espaço sociocultural. Ódios e hostilizações não são produtos somente de irrupções esporádicas de afetos descontrolados, eles se instalam em forma de internalização de hábitos (SZANTO, 2020, p. 454), isto é, se aprende, de geração em geração, no cerne da família e da comunidade, a acalantar expressões do ódio e da hostilidade. Narrativas dominantes oferecem (ou não) roteiros para sua concretização. Em grande medida, é a qualidade da estrutura narrativa e, sobretudo, o *know-how* de instrumentalização que vão definir como as energias físicas e anímicas são enfeixadas para dar expressão ao ódio.

Dominar técnicas narrativas, portanto, não representa somente um instrumento-chave na arte da palavra, trata-se de um habilidade central no espaço social, pois permite engendrar visões de mundo que coordenam investimentos de energia e ações alheias. As reverberações do ódio estão inseridas em narrativas, com maior ou menor grau de elaboração. Representando uma irrupção momentânea ou sendo fruto de uma canalização, a narrativa fornece a contextualização e a interpretação de mundo de onde o ódio origina. Nesse sentido, Sternberg tece a seguinte reflexão:

A propaganda de ódio, que propõe temas de narrativas, normalmente cumpre uma ou mais de três funções. Uma primeira função é a negação da intimidade com a entidade-alvo (por exemplo, líder, país, grupo étnico). Uma segunda função é a geração da paixão. E uma terceira função é gerar compromisso com falsas crenças por meio da implantação de falsas pressuposições, o encorajamento de

peessoas a suspender ou distorcer seus processos de pensamento crítico e o encorajamento de pessoas a chegarem a conclusões direcionadas (muitas vezes falsas) com base na pseudológica de falsos pressupostos e pensamento crítico falho (STERNBERG, 2005, p. 41).

Nas três etapas previstas por Sternberg, a narrativa instala uma interpretação de realidade e, com ela, uma atitude diante do outro. Na citação, o contexto remete sobretudo à produção sistematizada do ódio, com a finalidade de incitar grandes massas a agirem em consonância com a proposta ideada pela propaganda. Com o estabelecimento de culturas do ódio se assegura a estabilidade da identidade e, com isso, do poder, já que uma quantidade considerável de atores sociais concretizam a imagem do si a partir dos pressupostos fornecidos por essa macronarrativa.

Para que essa narrativa tenha êxito, ela precisa criar um alvo claro que apresente características maliciosas, reais ou não (FISCHER et alia, 2018, p.313), precisa generalizar e apresentar as características como imutáveis (JOHANSEN, 2015, p. 51), estabelecer hierarquias que justifiquem primeiramente o desprezo, posteriormente o ódio (FISCHER/GIENER-SOROLLA, 2016, p. 349). Nesse cenário, o outro se transforma em objeto cuja humanidade e dignidade são elididas para que o ódio possa, de fato, se instalar. Vale reforçar: identidades coletivas podem instaurar culturas da solidariedade e do respeito, mas também podem incitar à perseguição e ao silenciamento. Com frequência, o espaço da vida traz à tona todos os matizes possíveis, oscilando entre canalização e dispersão, de acordo com o contexto macrosocial.

2. REVERBERAÇÕES DO ÓDIO NA LITERATURA

O romance de Rabinovici apresenta um espaço social complexo, onde forças múltiplas definem as modalidades do convívio social. Ambientado em Viena, o texto encena o encontro e a negociação identitária de vários agrupamentos. Um foco especial recai sobre a presença do antissemitismo e da xenofobia como formas de aproximação a grupos não dominantes. Nisso, a encenação do ódio raramente é explícita. Pelo contrário, ela emerge de forma sorrateira, revelando como culturas do ódio vicejam em diferentes dimensões do cotidiano. Esse elemento parece ser especialmente importante para o autor, no sentido de mostrar como práticas do ódio têm continuidade, são transformadas, por vezes, realocadas, representando em todos esses movimentos uma estratégia de administração de identidade pessoal e, sobretudo, do grupo dominante.

Talvez o mais importante foco de problematização do romance seja a continuação do antissemitismo. Diferentes personagens são confrontados com essa forma de expressão do ódio. Alguns foram vítimas da perseguição nazista e confinados em campos de concentração como Paul Guttman, imigrante romeno que opta por retornar para a Áustria após o fim da guerra; outros pertencem à geração do pós-guerra, engajando-se para manter o passado da barbárie presente na memória coletiva, como Lew Feininger, moscovita que, via Áustria, vive por um período em Israel e, após algum tempo, retorna à Áustria, onde

trabalha com exposições de cunho histórico. Na sequência, a discussão se volta para as experiências de Lew Feininger, em dois momentos de seu percurso na Áustria.

A primeira experiência remonta ao período em que realiza seu serviço comunitário, a alternativa para o serviço militar obrigatório. Ele opta por trabalhar na área de geriatria, onde encontra pessoas socializadas na cultura nazista do ódio. O episódio é narrado a partir da perspectiva do amigo Stefan:

Stefan teve que pensar em seu amigo Lew, nas histórias do serviço comunitário em uma enfermaria geriátrica, como Lew fora questionado por um paciente, de quem ele havia lavado as fezes do corpo, com um pano ensaboadado: Qual é o seu nome?

Lew Feininger

Não me toque, seu judeu imundo (RABINOVICI, 2005, p. 31).

O uso do lexema “histórias” sugere reiteraões, com episódios similares. Importante, nesse contexto, é a reação do paciente, ao identificar a origem judaica. A irrupção do ódio não é fortuita. Pelo contrário, ela remete a um processo de socialização em que toda uma geração internalizou a narrativa do ódio e a utilizou como norte da construção identitária. A imagem de si do paciente ainda resgata dessa socialização os sentidos que formam a base de seu comportamento e ações. Nesse cenário, ele não consegue enxergar Lew como alguém que o ajuda num momento de fragilidade, ao invés disso, ele adota o crivo de percepção instalado pela propaganda nazista, transformando o interlocutor em objeto. Importante nesse contexto é a constatação de que a cultura do ódio, uma vez semeada, não desaparece com o fim de conflitos bélicos, por exemplo. Ela permanece incrustada na base da produção de sentido que emerge da imagem do si.

Num segundo episódio, Lew Feininger, agora como profissional atuante no mercado de trabalho, é convidado pela administração pública de uma cidade do interior da Áustria a proferir uma palestra, por ocasião da inauguração de um memorial às vítimas do regime nazista. A inauguração do memorial tem como objetivo, claro, rememorar, mas também marcar uma batalha contra as “manchas marrons” que se alastram na região. Lew não hesita em criticar as comunidades próximas que preferem rememorar o passado nazista, glorificando a cultura do ódio. Dias mais tarde, ele lê a repercussão de sua fala nos jornais da província:

Mas, alguns dias depois, tiveram de admitir que estavam errados, porque o discurso de Feininger em Bärnberg deixara uma impressão duradoura, talvez não exatamente aquela que ele almejava, mas quem seria tão mesquinho a ponto de reclamar disso, uma vez que o principal jornal da província dedicou dois artigos a Lew Feininger, embora seu nome não tenha sido reproduzido corretamente. Aqui era possível ler sobre um Lev Weininger, o representante dos judeus, que aproveitou a hora do luto de domingo para discursos de ódio contra Grundl. Em

um comentário, até se disse que, ao fazer tais declarações, os judeus ‘despertariam nos filhos dos ex-perpetradores a disposição para novas perseguições’ (RABINOVICI, 2005, p. 101).

Como no episódio discutido anteriormente, também aqui a cultura do ódio não desapareceu com o fim do regime. Com efeito, ela permanece ativa, imbricada agora numa nova configuração discursiva. Se antes era possível dar voz à cultura do ódio de forma pública e explícita, as sanções do pós-guerra transformaram as possibilidades de sua articulação, *mas as narrativas do ódio definitivamente não desapareceram. Os artigos no jornal encenam dois vetores do ódio: num primeiro momento, buscam desacreditar o trabalho de Lew, transformando-o em alvo do ódio, mas ele também revela como a cultura do ódio ainda medra, servindo de base para a construção de imagens do si. Lew suspeita inclusive que o próprio prefeito que o convidou a palestrar tenha apoiado a publicação dos ataques no jornal. Nessa esteira, a cultura do ódio busca verificar até que ponto pode voltar a se articular no espaço público, atacando e retrocedendo, de forma insidiosa, em consonância com as reações.*

A estratégia parece residir em experimentar e desbravar os limites da reação pública, a fim de reverter a configuração discursiva que legitima a instauração de determinadas imagens do si. A cultura desse ódio continua a supurar, o que reforça que marcadores históricos como 1945, por vezes, não delimitam adequadamente práticas socioculturais. Enquanto a configuração discursiva não permite uma canalização explícita em forma de práticas sistêmicas, predomina o princípio da dispersão que se expressa a partir das brechas existentes no controle social. Por elas, a cultura da hostilidade faz seus experimentos e tateia os limites existentes no espaço social.

Práticas da canalização afetiva têm continuidade, elas se expressam com base nas novas configurações discursivas dominantes, especialmente tendo em vista suas sanções. *Essas novas configurações, claro, podem instaurar culturas da solidariedade e suspender práticas do ódio. O contrário também ocorre. No romance, Rabinovici encena, com extrema agudeza, como essas práticas se transformam. Os episódios anteriores ilustram como a continuação ou transformação se expressa na atmosfera do antissemitismo, mas Rabinovici não perde de vista as novas formas de canalização ou dispersão do ódio. A partir da perspectiva de Sophie, o leitor tem acesso a outra dimensão do clima social, encenado na realidade diegética:*

Isso era verdade, Sophie admitiu, mas talvez fosse permitido lembrar aos senhores aqui que o terror da extrema direita assombra o país há meses e que no início do ano uma bomba estraçalhou quatro pessoas de origem rom, que no mesmo dia um croata foi gravemente ferido. Quatro pessoas, seus ancestrais ainda foram deportados para campos de concentração pelos nazistas, a maioria deles foi morta, baleada, gaseada, alguns sobreviveram, mas muito mais perpetradores ainda estavam vivos (RABINOVICI, 2005, p. 45).

Sophie relembra acontecimentos recentes, durante uma discussão sobre racismo na Áustria. Nesse horizonte, a cultura do ódio, com suas diferentes modalidades de agressão e hostilização, não se direciona somente contra judeus. Com efeito, ela busca novos alvos

(ou não tão novos, como é o caso da minoria rom), a fim de canalizar ódios pautados por diferenças étnicas. A fala de Sophie enfatiza a continuidade de culturas da agressão racista e chama a atenção para a convivência do espaço social. Ela também problematiza a fragilidade da memória – um tópico central do romance – indicando aos amigos como o esquecimento rapidamente se impõe, servindo como auxílio para a cultura do ódio. A rememoração das práticas do ódio, nesse contexto, obviamente é ambivalente, pois está atrelada a um projeto de futuro a nível individual e sociocultural. Ela pode servir ao propósito de não esquecer e assim tentar imaginar um convívio social pautado pelo princípio do respeito, mas também pode servir para acalantar culturas da hostilidade e mantê-las ativas. O modo como a rememoração acaba sendo empreendida revela algo sobre projetos identitários de indivíduos, grupos e nações.

Esquecer, por sua vez, não significa automaticamente o desaparecimento, podendo ser, em alguns contextos, um estímulo à indiferença. *É justamente essa uma das críticas mais intensas do romance, pois ele encena como até mesmo personagens bem intencionadas são absorvidas pelo vórtice da sociedade de consumo, imergindo num comportamento de indiferença que prefere não se posicionar diante das culturas do ódio. Também aqui a identidade tem um papel de destaque. A sociedade de consumo prega o princípio da maximização do prazer e da potencialização da imagem do si. Pautados por essas ofertas, os agentes de narrativas identitárias, por vezes, optam por não empreender o esforço de identificar a continuidade das culturas do ódio e debelar seus efeitos deletérios. No lugar de um posicionamento de resistência, surge o caminho do consumo e mediatização do prazer como percursos afetiva e intelectualmente menos onerosos. Culturas do ódio também podem ser frutos da indiferença.*

Enquanto medra a indiferença em relação a espaços compartilhados da vida, acompanhada do imperativo do consumo e autoencenação imagética, ao menos *é isso que o romance sugere*, culturas do ódio se fortalecem, investindo na fragilização da coesão social, ao procurar novos alvos:

Dois dias antes da abertura oficial da exposição, mais uma vez foram enviadas bombas por todo o país. Por correio. Lew Feininger não foi ao escritório na manhã seguinte. Ele absorveu todas as notícias sobre os ataques, vasculhou os jornais em busca de notícias. Uma carta explodiu nos dedos de um médico de origem síria e feriu sua mão direita. Outra destinatária era uma devota assistente social católica e ajudante de refugiados, uma senhora de 71 anos que vivia sozinha no campo e lá acolhia pessoas que buscavam asilo (RABINOVICI, 2005, p. 163-164).

A cultura do ódio que emerge dessa citação é, ao mesmo tempo, canalizada, pois tem alvos concretos pautados por um programa do ódio, e *é dispersa*, já que sua canalização ainda não ocorre de forma explícita e passível de articulação em nível macrosocial. A exposição de qual fala a citação tem como foco as marchas da morte, ao final do segunda guerra mundial. Aqui, o ódio tem como motivação a xenofobia, atacando atores sociais que se destacam por diferenças étnicas e aqueles que optam por prestar algum auxílio, no processo de assentamento, no espaço da cultura dominante. Uma intenção central do romance de

Rabinovici certamente é o desejo de desencadear reflexões sobre como as culturas do ódio herdadas na socialização nazista têm (ou não) continuidade na sociedade contemporânea, convidando o leitor a criar analogias, traçar diferenças, mas também suscitar posicionamentos. O ódio não desapareceu, ele continua presente no espaço social e vem à tona, com novas formas de expressão e com novos alvos para legitimar a canalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na literatura austríaca, Doron Rabinovici não se encontra sozinho com essas inquietações. Marlen Haushofer, Elfriede Jelinek, Thomas Bernhard, para citar somente alguns nomes de repercussão internacional, se juntam a esse esforço de problematizar as supurações do ódio. E isso não é uma especialidade dessa literatura nacional específica. Seja ela austríaca, alemã, suíça, mas também brasileira, americana ou francesa, as chagas do ódio permeiam as inquietações que incitam intelectuais a fazer uso da arte da palavra, a fim de suscitar questionamentos, desautomatizar percepções ou oferecer alternativas para imaginar o futuro. Nesse cenário, refletir sobre as encenações do ódio nos mais diversos usos da ficção representa um questionamento importante, claro, se acordarmos às tessituras ficcionais o papel da *crítica social e quisermos, a partir de seus produtos, refletir sobre o espaço compartilhado da vida*.

Se o uso de produtos ficcionais pode desencadear essas reflexões, então a representação do ódio pode servir como ponto de partida para suscitar discussões importantes para a contemporaneidade. No escopo das literaturas nacionais, o foco pode recair sobre as instalações, continuações e transformações da expressão do ódio, dentro de espaços socioculturais específicos. No âmbito da literatura comparada, o interesse pode se voltar para identificar como culturas do ódio se instalam e se reproduzem para além dos espaços nacionais, mas também pode servir como gatilho para comparar dinâmicas de administração afetiva ou de resistência às práticas do ódio. Os questionamentos certamente não terminam por aí, especialmente tendo em vista que textos ficcionais possuem a característica de encenar aquilo que ainda não conseguimos enxergar.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUMEISTER, Roy F.; BUTZ, David A. Roots of hate, violence, and evil. In: STERNBERG, Robert J. (ed.). *The Psychology of Hate*. Washington: American Psychological Association, 2005, p. 87-102.

FERRAN, Ingrid Vendrell. Hate: toward a Four-Types Model. *Review of Philosophy and Psychology*, 2021, sem paginação.

FISCHER, Agneta; GINER-SOROLLA, Roger. Contempt: Derogating Others While Keeping Calm. *Emotion Review*, v. 8, n. 4, 2016, p. 346–357.

FISCHER, Agneta; HALPERIN, Eran; CANETTI, Daphna; JASINI, Alba. Why We Hate. *Emotion Review*, v. 10, n. 4, 2018, p. 309-320.

HANSEN, Klaus P. *Kultur und Kulturwissenschaft: eine Einführung*. Tübingen: Francke. 2011.

HARRINGTON, Evan R. The Social Psychology of Hatred. *Journal of Hate Studies*, v. 3, n.1, 2004, p. 49–82.

JOHANSEN, Birgitte Schepelern. Locating hatred: On the materiality of emotions. *Emotion, Space and Society*, v. 16, 2015, p. 48-55.

MOSS, Donald. On hating in the first person plural: thinking psychoanalytically about racism, homophobia, and misogyny. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, v. 49, n. 4, 2001, p. 1315-1334.

RABINOVICI, Doron. *Ohnehin*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2005.

STAUB, Ervin. The origins and evolution of hate, with notes on prevention. In: STERNBERG, Robert J. (ed.). *The Psychology of Hate*. Washington: American Psychological Association, 2005, p. 51-66.

STERNBERG, Robert J. Understanding and combating hate. In: STERNBERG, Robert J. (ed.). *The Psychology of Hate*. Washington: American Psychological Association, 2005, p. 37-49.

SZANTO, Thomas. In hate we trust: The collectivization and habitualization of hatred. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, v. 19, 2020, p. 453–480.

